

A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NO EXTREMO-OESTE

BARBA, Mercedes Terezinha de. (g UFSC), co-autor OLIVEIRA, Gilvan de Oliveira

1. CONTEXTO HISTÓRICO DO OESTE CATARINENSE

A colonização do território da região oeste do Estado de Santa Catarina, aconteceu de uma forma diferente das demais regiões, pois a grande maioria da população migrou do Estado do Rio Grande do Sul, e eram pertencentes às “Colônias Velhas” como foram chamados os primeiros núcleos coloniais ocupados pelos imigrantes europeus, que lá chegaram no final do século XIX. Estes imigrantes, seus filhos e netos, foram obrigados, no início do século XX, procurar novos lugares devido à carência de terras devolutas que já se fazia sentir no estado vizinho, provocado principalmente ao grande número de filhos que os mesmos tiveram, e por serem dependentes diretamente da terra, praticando a agricultura de subsistência. Sendo assim, a necessidade de ir em busca de novos lugares que permitissem realizar novos sonhos e a posse da terra fez com que estes fossem se entranhando na mata nativa, cruzassem rios e chegassem a região Oeste do Estado.

O Oeste de Santa Catarina representou o último reduto de povoamento e colonização das terras catarinenses. Depois de vários acontecimentos como, a abertura da "Estrada Serra" e a disputa pelos limites territoriais entre Brasil e Argentina chamado "Campos de Palmas" ou "Misiones", e as questões do Contestado entre o Paraná e Santa Catarina que adiaram o desenvolvimento da região. Em 1916, com todas as fronteiras delimitadas, começa o povoamento do oeste catarinense. Os primeiros núcleos foram: Barra Fria, Capinzal e Videira no Vale do Rio do Peixe. Em 1917, o governo estadual através da Lei número 1.147, criou os municípios de Joaçaba e Chapecó. O município de Chapecó é considerado “Município Mãe”, pois deu origem às divisões político-administrativas que compõem atualmente as micros regiões catarinenses da AMOSC, AMEOSC, AMAUC e AMAI. A antiga extensão territorial do Município de Chapecó ia desde o Município de Joaçaba até a fronteira com a República Argentina, tendo como divisor o Rio Peperu Iguazu. Segundo dados do IBGE, no recenseamento de 1920, encontrava-se naquela área, a população de 11.315 habitantes.

Os primeiros pioneiros do oeste foram os paulistas que passaram pelo território rumo ao extremo sul do Brasil, já em meado do século XIX. Posteriormente, chegam à região, as Companhias Colonizadoras, instalando-se principalmente com capital próprio e com alguns incentivos do governo do estado de Santa Catarina. Essas empresas construíram estradas e instalaram nas terras milhares de colonos procedentes de lugares diversos das antigas colônias do Rio Grande do Sul, e lentamente a incorporação dos migrantes à região foi acontecendo. A principal atividade econômica dos primeiros colonizadores foi o extrativismo, (extração e venda da mata nativa) com a conseqüente venda da produção aos Países do Prata, através do sistema de balsas. Graças a fertilidade do solo, num, curto espaço de tempo, a região oestina se inseriu em um processo amplo de expansão econômica colonial do Sul do país. Atualmente, a região continua sendo excencialmente agrícola. E é desta que sai boa parte da produção brasileira de grãos, aves e suínos. Nela encontra-se instalados também frigoríficos de grande e médio porte, tendo como associados os produtores rurais na forma de integração: as empresas fornecem insumos e tecnologia e compram a produção e os animais. A região também está começando a explorar o setor turístico, mais precisamente as fontes hidrotermais. Os

principais municípios da região oeste são : Chapecó, Xanxerê, Concórdia e São Miguel do Oeste.

São Miguel do Oeste é considerado cidade pólo da micro-região do Extremo-oeste do Estado, por ser mais desenvolvido economicamente e pelo maior número de habitantes. Os municípios do Extremo-oeste pertencem a AMEOSC (Associação dos municípios do Extremo-oeste). Nesta associação fazem parte 19 (dezenove) municípios que são : Mondaí, Iporã do Oeste, Itapiranga, São João do Oeste, Tunápolis, Santa Helena, Descanso, Belmonte, São Miguel do Oeste, Paraíso, Bandeirantes, Barra Bonita, Guaraciaba, Anchieta, Palma Sola, São José do Cedro, Guarujá do Sul e Dionísio Cerqueira. A Associação dos Municípios do Extremo-oeste foi fundada em 31 de julho de 1971, e encontra-se a esquerda do mapa abaixo destacada na cor azul. Esta micro-região além de fazer fronteira com os estados do Paraná e Rio Grande do Sul, faz limites também com, o país vizinho, a Argentina e com a Associação do Alto Uruguai Catarinense (AMAUC).



Dentre os municípios acima citados, pertencentes a AMEOSC, o presente estudo se deterá em Dionísio Cerqueira, São José do Cedro, São Miguel do Oeste e Itapiranga. Pois serão utilizados os dados encontrados no banco de dados do Projeto ALERS (Atlas lingüístico – etnográfico da Região Sul do Brasil) como fonte de pesquisa.

2. A HISTÓRIA DOS MUNICÍPIOS

O município de **Dionísio Cerqueira** localiza-se no limite entre os estados do Paraná e de Santa Catarina e na fronteira do Brasil com a Argentina. A cidade foi colonizada por italianos e alemães vindos das colônias gaúchas. Primeiramente a área onde se localiza hoje Dionísio Cerqueira pertencia ao município de Chapecó. No entanto, em 1953 tornou-se município. Seu nome é uma homenagem ao general Dionísio Cerqueira, antigo ministro das Relações Exteriores e que demarcou a fronteira Brasil/Argentina. Dionísio Cerqueira localiza-se a 760 quilômetro de Florianópolis, 830 metros acima do nível do mar. As principais atividades econômicas do município é a agricultura, importação e exportação. Segundo dados do Projeto ALERS, Dionísio Cerqueira tinha na data da

realização da pesquisa 13,673 habitantes, destes, 65% eram descendentes de italianos, 20% de origem alemã e 15% de lusos.

A colonização de **São José do Cedro** começou em 1950, com agricultores gaúchos, descendentes de imigrantes italianos e alemães, oriundos principalmente da região das Missões. Sendo que os mesmos foram atraídos pela possibilidade de enriquecer explorando madeira. Além de araucárias, havia no local grande quantidade de cedros, o que deu nome ao município. As tradições gaúchas dos primeiros colonizadores permanecem vivas. O grande destaque turístico do lugar é a Mateada da Canção Gaúcha e Nativa, que acontece em julho e reúne cantores e compositores do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná. A agropecuária é o principal pilar econômico do município, além de algumas indústrias e pequenas fábricas. Conforme dados do ALERS, o município teve sua emancipação em 1958. Possuía na época da pesquisa 17,677 habitantes. A porcentagem étnica desta população era de 40% italianos, 40% alemães, 20% lusos. O município se localiza a 728 quilômetros da capital do Estado e a 823 metros acima do nível do mar.

As primeiras famílias chegaram à região de **São Miguel do Oeste** em 1940. A base da economia, naquela época, era a extração de madeira. No início o povoado era chamado de Vila Oeste, mais tarde foi mesclado o velho nome com o do padroeiro, e torna-se assim, São Miguel do Oeste em 1949. O município foi emancipado em 1953. Atualmente a principal atividade econômica é a agropecuária. As tradições trazidas pelos colonizadores gaúchos descendentes de imigrantes são preservadas nas rodas de chimarrão, no festival de música nativa, na alimentação, na religião e na língua falada. Segundo dados do ALERS a população do município de São Miguel do Oeste é 40.000 habitantes e destes 70% tem descendência italiana.

O município localiza-se a 672 quilômetros de Florianópolis. São Miguel do Oeste é um verdadeiro portal turístico da região. Com 40.000 habitantes, a cidade conta com a melhor infra-estrutura hoteleira do extremo-oeste. Centro do desenvolvimento do oeste catarinense, a cidade é conhecida como ponto de parada para os turistas argentinos em viagem para o Brasil e vice-versa. Devido a sua localização e às belezas da terra, muitos desses turistas decidem ficar e passar as férias na região.

O município de **Itapiranga** nasceu da idéia dos dirigentes da Sociedade União Popular, tendo a sua sede no Rio Grande do Sul. Estes criaram um núcleo de colonização para imigrantes germânicos e católicos na década de 1920. Chefiados pelo missionário padre Max Von Lassberg, chegaram a Porto Novo, antigo nome, que em 10 de abril de 1926 passou a se chamado de Itapiranga – “pedra vermelha” em tupi-guarani. A base da economia do município foi no passado à extração da madeira. Hoje, é a agropecuária, com destaque para o cultivo de milho, fumo e feijão, além da criação de aves, suínos e gado de leite. A diversificação econômica se firma com a instalação de indústrias e a exploração do turismo. Com destaque a Oktoberfest, festa esta de origem alemã realizada todos os anos no mês de outubro.

Segundo dados do projeto ALERS, Itapiranga tinha 21,363 habitantes, dos quais 95% de origem alemã e 5% luso. O município localiza-se a 870 quilômetros de Florianópolis e a 206 metros acima do nível do mar.

3. CONTEXTO LINGÜÍSTICO DO EXTREMO-OESTE CATARINENSE

O objetivo de estudar as variedades lingüísticas na região do Extremo-oeste, mais precisamente, nos municípios pertencentes a AMEOSC foi devido as peculiaridades culturais e lingüísticas desta sociedade, pois como podemos verificar na micro-região possuem quatro grupos étnicos : italianos, alemães, lusos e poloneses, sendo que o maior número é de italianos e alemães.

O presente estudo se deterá sobre os dados dos municípios de Dionísio Cerqueira, São José do Cedro, São Miguel do Oeste e Itapiranga. Para tanto, serão analisados e cruzados os dados coletados pelo Projeto ALERS e publicados em 2002.

Verificou-se nesta pesquisa as diferenças e semelhanças na área da fonética e morfosintática dos informantes dos quatro municípios. Sendo que os municípios e informantes apresentam as seguintes características:

Município	Etnias				Informante	Escolaridade	Idade
	italianos	alemães	lusos	poloneses			
Dionísio Cerqueira	65 %	20 %	15 %	XX	Português	4ª série	34
São José do Cedro	40 %	40 %	20 %	XX	Port./Italiano	Analfabeto	75
São Miguel do Oeste	70 %	12 %	12 %	06 %	Port./Italiano	4ª série	34
Itapiranga	XX	95 %	05 %	XX	Port./Alemão	1ª série	73

Como bem o demonstra o quadro acima, os informantes entrevistados que não são lusos, ou seja, que pertençam a outros grupos étnicos e não luso são bilíngüe, falantes de português e italiano, ou português e alemão. Esses dados nos levam a diversos questionamentos. Como uma língua consegue sobreviver numa sociedade apesar das grandes interferências sociais, restrições governamentais e preconceito lingüístico? É relevante recordar que no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX o ensino dos imigrantes e seus filhos nos núcleos de colonização no sul do país se davam em língua italiana e alemã, mas com a nacionalização do ensino e com os conflitos mundiais o contexto mudou conforme nos diz o jornal *La Tribuna* "...Per il passato a Florianópolis, Nuova Venezia, Nuova Trento ecc.. esistevano delle scuole italiane, e fino a pochi anni fa il Governo Italiano ausiliava le scuole ove s'insegnava la nuostra lingua... Molto e di molto, anzi notevolissima, l'attività di altre scuole straniere in questo Stato, ove benché assoggettandosi alle disposizioni delle legge brasiliane sull'insegnamento straniero". (**La Tribuna**. Le nostre collettività nei riguardi dell'insegnamento dell'italiano. N° 11, Florianópolis: 23 jun. 1932 p. 2). Esse interesse do governo brasileiro pela nacionalização do ensino e conseqüentemente o uso da língua portuguesa nos núcleos coloniais não foi somente restrito ao estado de Santa Catarina, mas sim a todas as unidades da federação. Verifica-se isso no grande número de leis, decretos-leis e decretos baixados pelos governantes federal e estadual, com mais intensidade, no início do século XX até o final da Segunda Guerra Mundial (1945).

Os imigrantes e seus descendentes do estado do Rio Grande do Sul também sofreram com a proibição do uso da língua italiana, como podemos observar no artigo *Aspectos políticos e econômicos da imigração italiana* escrito por Octávio Ianni (1979, p. 19).

Eu acho que aqui no Sul as colônias sentiram bastantes a agressividade política de nacionalização forçada, porque não foi feita nem por sociólogos

nem por antropólogos, foi feita por funcionários e em nome de uma política que havia sido adotada de um modo inesperado para algumas comunidades. Estava ligada, essa política, inclusive a uma aliança com os Estados Unidos, que forçaram muitos governos (não do Brasil, da América Latina), a controlar e reprimir todos os movimentos que fossem politicamente vinculados, ainda que remotamente, à Itália, Japão e Alemanha.

Mas sabemos também que a língua dos descendentes dos imigrantes da área em estudo não sofreu somente interferência governamental como a proibição do uso da língua materna, teve também, o processo decorrente do contato com outras línguas como: italiana, alemã, espanhola e principalmente o português falado nas relações sociais. O artigo *Línguas em contato* da lingüista Maria Antónia Mota, na obra *Introdução à Lingüística Geral e Portuguesa* p. 511, vem justamente para auxiliar no esclarecimento do que podera ter acontecido com a língua italiana, alemã e portuguesa. Ela nos diz:

... A mudança decorrente do contacto é realizada pelos falantes que, numa situação de contacto com outra língua, tendem a aproximarse progressivamente do sistema desta... Os falantes dessa “língua alvo” manter-se-ão, em princípio, monolíngues, enquanto os primeiros se tornam bilíngües: poderá, contudo, acontecer que a “língua alvo” venha a ser afetada pela versão que dela própria falam os nativos da língua de origem, ou pela própria língua de origem, sob condições de forte convivência e de reconhecimento da eventual importância da comunidade que muda.

No entanto, os primeiros anos de Colonização, a língua usada nos núcleos coloniais era a dos imigrantes e transmitida de uma geração a outras oralmente, poucas eram as produções literárias dos mesmos. Com o passar dos anos e as dificuldades enfrentadas, a língua italiana e alemã se restringiu ao núcleo familiar. Conforme afirma Raudin na obra *Italianos e ítalo-brasileiros na colonização do Oeste Catarinense* (p. 129), “No entanto, a partir da campanha de nacionalização, este quadro vai transformar-se gradativamente e seu uso restringiu-se ao ambiente familiar e entre os mais idosos”. Porém, como toda regra tem suas exceções isso também ocorre nas línguas, conforme podemos verificar no quadro acima. O informante de São Miguel do Oeste tem 34 anos e fala italiano e português isso prova que não somente os idosos falam a língua de origem, mas encontramos ainda falantes jovens que preservam a língua de seus antepassados, talvez um pequeno número restrito, mas existe.

Conforme afirma o lingüista Hall, citado na obra de John Lyons (1987, p.18) “a língua é a instituição pela qual os humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de símbolos arbitrários orais-auditivos habitualmente utilizados”. No entanto, as pessoas na maioria das vezes não são compreendidas quando num determinado ambiente fora do seu grupo sócio - cultural falar com um determinado *sotaque* diferente do padrão local. E essas pessoas passam a serem alvos de piadinhas e gozações, nas rodas de amigos, no trabalho e até mesmo dentro da sala de aula. As pessoas normalmente desconhecem que existem variações lingüísticas e muitas delas com grandes diferenças dentro do Brasil, no mesmo Estado e às vezes na própria cidade, devido principalmente pelo grande aglomerado de povos que passaram a habitar este país desde o seu descobrimento. Nos núcleos de colonização na região sul do Brasil a comunicação e interação por muitos anos se deram na língua do grupo étnico (italiano, alemão, polonês, etc) e a língua portuguesa, muito

raramente. Ela somente era usada quando ocorria o encontro com pessoas de outros grupos. Com o bilingüismo uma língua adquiriu os vocábulos da outra, sendo assim, o sistema fonético e morfossintático do português nessa região apresentara inúmeras mudanças nas palavras, pois adquiriu de empréstimo das outras línguas e implantou no português, resultando assim, em uma variante da língua portuguesa conforme podemos observar nas tabelas a seguir.

4. TABELAS COM ALGUNS EXEMPLOS DAS RESPOSTAS DOS INFORMANTES

TABELA 1 – Dados comparativos entre os informantes dos municípios de Itapiranga e São Miguel do Oeste e os dados de Dionísio Cerqueira e São José do Cedro na área da fonética.

FONÉTICA		
ITAPIRANGA E SÃO MIGUEL DO OESTE		DIONÍSIO CERQUEIRA E SÃO JOSÉ DO CEDRO
PALAVRAS		TRANSCRIÇÕES
(AM)E(RICANO)	☉☽○ℳ⊙⊕⊗⊘⊙⊚⊛⊜⊝⊞⊟⊠⊡⊢⊣⊤⊥⊦⊧⊨⊩⊪⊫⊬⊭⊮⊯⊰⊱⊲⊳⊴⊵⊶⊷⊸⊹⊺⊻⊼⊽⊾⊿	
(B)OM	☉☽○ℳ⊙⊕⊗⊘⊙⊚⊛⊜⊝⊞⊟⊠⊡⊢⊣⊤⊥⊦⊧⊨⊩⊪⊫⊬⊭⊮⊯⊰⊱⊲⊳⊴⊵⊶⊷⊸⊹⊺⊻⊼⊽⊾⊿	
(QU)EI(XO)	☉☽○ℳ⊙⊕⊗⊘⊙⊚⊛⊜⊝⊞⊟⊠⊡⊢⊣⊤⊥⊦⊧⊨⊩⊪⊫⊬⊭⊮⊯⊰⊱⊲⊳⊴⊵⊶⊷⊸⊹⊺⊻⊼⊽⊾⊿	☉☽○ℳ⊙⊕⊗⊘⊙⊚⊛⊜⊝⊞⊟⊠⊡⊢⊣⊤⊥⊦⊧⊨⊩⊪⊫⊬⊭⊮⊯⊰⊱⊲⊳⊴⊵⊶⊷⊸⊹⊺⊻⊼⊽⊾⊿
TI(O)	☉☽○ℳ⊙⊕⊗⊘⊙⊚⊛⊜⊝⊞⊟⊠⊡⊢⊣⊤⊥⊦⊧⊨⊩⊪⊫⊬⊭⊮⊯⊰⊱⊲⊳⊴⊵⊶⊷⊸⊹⊺⊻⊼⊽⊾⊿	
(CA)RR(O)	☉☽○ℳ⊙⊕⊗⊘⊙⊚⊛⊜⊝⊞⊟⊠⊡⊢⊣⊤⊥⊦⊧⊨⊩⊪⊫⊬⊭⊮⊯⊰⊱⊲⊳⊴⊵⊶⊷⊸⊹⊺⊻⊼⊽⊾⊿	☉☽○ℳ⊙⊕⊗⊘⊙⊚⊛⊜⊝⊞⊟⊠⊡⊢⊣⊤⊥⊦⊧⊨⊩⊪⊫⊬⊭⊮⊯⊰⊱⊲⊳⊴⊵⊶⊷⊸⊹⊺⊻⊼⊽⊾⊿
G(EMA)	☉☽○ℳ⊙⊕⊗⊘⊙⊚⊛⊜⊝⊞⊟⊠⊡⊢⊣⊤⊥⊦⊧⊨⊩⊪⊫⊬⊭⊮⊯⊰⊱⊲⊳⊴⊵⊶⊷⊸⊹⊺⊻⊼⊽⊾⊿	
(ALM)O(ÇO) verbo	☉☽○ℳ⊙⊕⊗⊘⊙⊚⊛⊜⊝⊞⊟⊠⊡⊢⊣⊤⊥⊦⊧⊨⊩⊪⊫⊬⊭⊮⊯⊰⊱⊲⊳⊴⊵⊶⊷⊸⊹⊺⊻⊼⊽⊾⊿	

TABELA 02 – Dados comparativos entre os informantes de São Miguel do Oeste e Dionísio Cerqueira, versus São José do Cedro e Itapiranga na área da morfossintática.

MORFOSSINTÁTICA		
SÃO MIGUEL DO OESTE E DIONÍSIO CERQUEIRA		SÃO JOSÉ DO CEDRO E ITAPIRANGA
PALAVRAS		
GÊNERO		
Gênero de "soja"	O soja	A soja
PLURALIZAÇÃO		
Pluralização de "uma casa".	Muitas casa	
Pluralização de "um paiol".	Muitos paiol	
Pluralização de "uma pequena casa".	Muitas pequenas casa	
Pluralização de "pão" e "três pães gostosos".	Muitos pão	
FORMA DE TRATAMENTO		
Concordância em pessoa no trato de "filho com sua mãe".	☞ fez teu/tua	
Uso de artigo antes do nome da pessoa.	SEM artigo	COM artigo
Concordância verbal no tratamento de "filho com sua mãe".	Verbo 3ª pessoa (sujeito ☞).	
Concordância do passivo com o sujeito no	Teu/tua (sujeito ☞)	

trato de "filho com sua mãe".	verbo 3ª pessoa)	
FLEXÃO VERBAL		
Presente do indicativo da 3ª pessoa do singular de "alumiara".	(a)lumeia	
Pretérito perfeito do indicativo da 1ª pessoa do singular de "estar".	Estava	
Pretérito perfeito do indicativo da 1ª pessoa do singular de "trazer".	Truche	
Pretérito perfeito do indicativo da 1ª pessoa do singular de "pôr".	Botei	
Pretérito perfeito do indicativo da 1ª pessoa do singular de "dar".	Di	Dei

5. ANALISE LINGÜÍSTICA

Na presente pesquisa foram analisadas 138 respostas, das quais 69 são referentes à fonética e 69 à morfossintática. No total de 138 respostas, todos os informantes deram, 38 iguais e 3 diferentes. Nas relações e cruzamentos dos dados entre os informantes, as maiores diferenças na área da fonética encontramos nos informantes do município de Dionísio Cerqueira e São José do Cedro com total de 07 (sete) respostas cada. Já o menor número de respostas diferentes encontramos no informante de São Miguel do Oeste com 03 (três). Quanto às respostas dadas na morfossintática o maior número de respostas dadas diferentes ocorreu nos dados do informante de Itapiranga com 09 (nove), e o menor número com o informante de São José do Cedro com 03 (três). Veja mais informações no gráfico abaixo:

GRÁFICO - 01

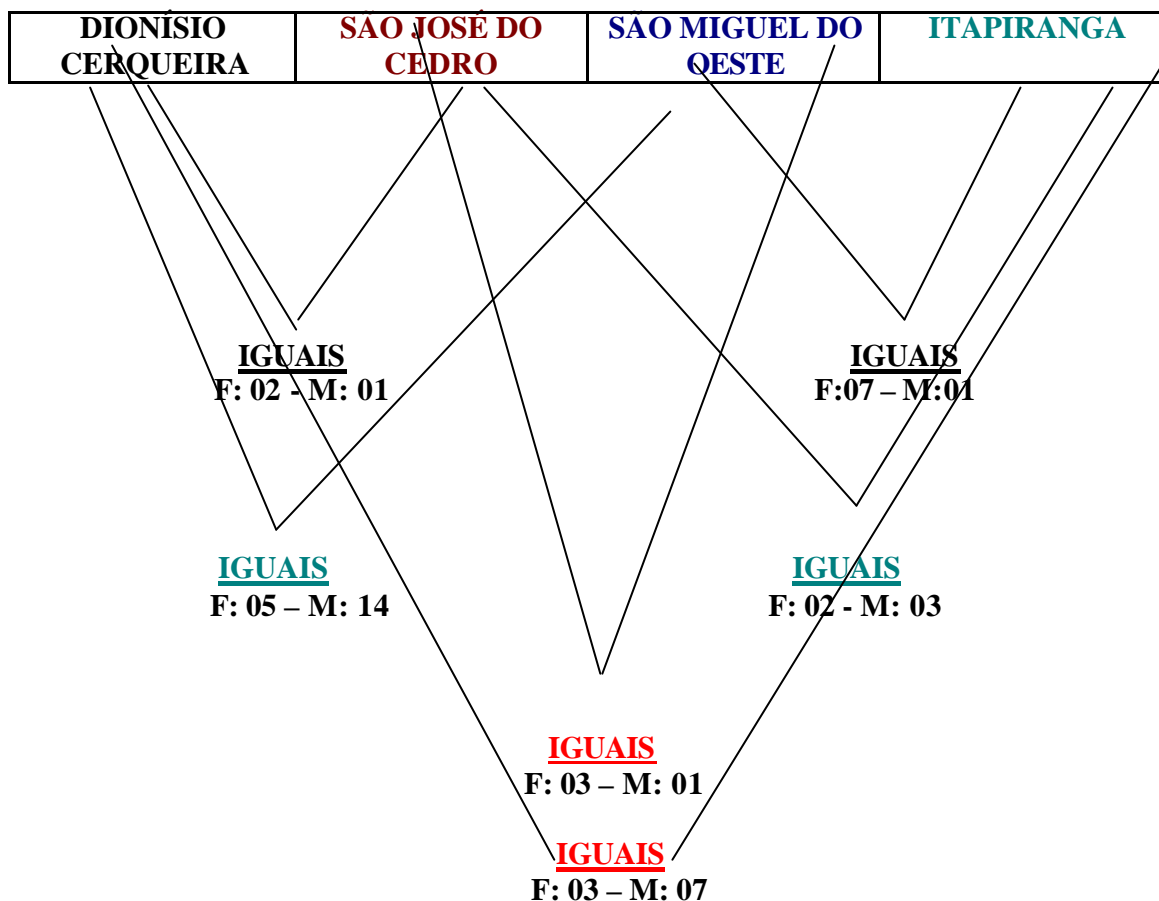


Número de respostas encontradas diferentes na fonética e na morfossintática dos quatro informantes.

No entanto, no cruzamento dos dados entre o informante de São Miguel do Oeste e Dionísio Cerqueira o número de respostas dadas iguais é de 05 (cinco) na fonética e 14 (quatorze) na morfossintática. Entre o informante de São José do Cedro e Itapiranga é de 02 (duas) na fonética e 03 (três) na morfossintática. Já entre o informante de Itapiranga e

Dionísio Cerqueira o número é de 03 (três) na fonética e 07 (sete) na morfossintática. No entanto com os informantes de São Miguel do Oeste e Itapiranga o número de respostas dadas iguais é de 07 (sete) na fonética e 01 (um) na morfossintática. Veja a tabela com os dados das respostas.

GRÁFICO - 02



Conclui-se assim, que o maior número de respostas dadas iguais pelos informantes na área da fonética é com São Miguel do Oeste e Itapiranga com um total de 07 (sete). Enquanto que na morfossintática os dois informantes responderam 01 (uma) igual. O maior número de respostas dadas iguais pelos informantes na área da morfossintática é entre São Miguel do Oeste e Dionísio Cerqueira com 14 (quatorze) respostas. Já o menor número de respostas na fonética é entre São José do Cedro e Itapiranga. Levando em consideração que os municípios de São Miguel do Oeste e Itapiranga são mais próximos geograficamente e o contato entre a população dos dois municípios podem ocorrer com mais frequência, e conseqüentemente ocorrer à influência na fonética (no falar de ambas as populações). Já na área da morfossintática os dois

municípios apresentam maiores diferenças, enquanto que o informante de São Miguel do Oeste e Dionísio Cerqueira as maiores igualdades. Sabendo que a população do município de São Miguel do Oeste é de 70% da etnia italiana e de Dionísio Cerqueira 65%. Enquanto que no município de Itapiranga não apresenta nenhuma porcentagem, concluo que na área da morfossintática a grande influência ocorre por meio da etnia do povo.

6. BIBLIOGRAFIA

ABRALIN: Associação Brasileira de Linguística / Associação Brasileira de Linguística.V.1 número 23. Florianópolis. Imprensa Universitária. 1999. 123 p.

Atlas lingüístico – etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)/ organizado por Walter Kock, Mário Silfredo Klassmann e Cléo Vilson Altenhofe n. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba : Ed. UFRGS / Ed. UFSC / Ed. UFPR, 2002. V. 01 e V.02.

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo. Loyola. 2002. 186 p.

BELLANI, Eli Maria. *Madeiras, Balsas e Balseiros*. Dissertação de Mestrado, UFSC, 1991. mimeo.

CALVET, Louis – Jean. *Les politiques linguistiques*. Buenos Aires. Edical. 1997. 103 p.
Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste. *Para uma história do oeste catarinense: 10 anos de CEOM*. Chapecó. UNOESC. 1998. 336 p.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo. Fundação Perseu Abramo. 2001. 103 p.

<http://lrb.sites.uol.com.br/historia.htm> Acessada no dia 29/06/03. Página elaborada por **Luigi B. Locatelli**.

Instituto Superior Brasileiro – Italiano de Estudos e Pesquisa. *Imigração italiana: estudos*. Porto Alegre. Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brades: Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul. 1979. 282 p.

MOTA, Atonia Maria. *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte, Carlos A.M. Gouveia (org.). Lisboa. Caminho. 1996. 630p.

La Tribuna. Le nostre collettività nei riguardi dell'insegnamento dell'italiano. Nº 11, Florianópolis: 23 jun. 1932 p. 2.

LYONS, John. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Tradução: Marilda Winkler Averbug e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro. LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora SA. 1987. 322 p.

MOSER, Anita. *A violência do Estado Novo brasileiro contra os colonos descendentes de imigrantes italianos em Santa Catarina durante a Segunda Guerra Mundial*. Ravenna – Itália. A. Longo Editore. 1998. 53p.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5 ed. São Paulo. Brasiliense. 1994. 149 p.

PIAZZA, Walter F. *Santa Catarina: Sua História*. Florianópolis. Lunardelli, 1983.

Política lingüística na América Latina. Eni Pulcinelli Orlandi (org.). Campinas-SP. Pontes. 1988. 191 p.

RANDIN, José Carlos. *Italianos e ítalo-brasileiros na colonização do Oeste Catarinense*. Joaçaba. UNOESC. 1996.

Santos Marinho e Passos Maia: A Política no Velho Chapecó. Chapecó, Grafisel. 1990.